

MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS
RENATA HELENA PETRI GOBBET
PROCURADORA DE JUSTIÇA APOSENTADA

MINISTÉRIO PÚBLICO

UMA CONVERSA INFORMAL

De repente, até mesmo sem querer, estava eu lá, fazendo o Curso de Direito. E por tão puro acaso, que hoje me espanta reencontrar o que sei há muito tempo: nasci para exercitar o raciocínio jurídico.

Depois da Faculdade tomei outro rumo e, totalmente esquecida dos livros, passaram-se 10 anos.

E em outro dia, também de repente, quase sem perceber, lá estava novamente em mim, eu Promotora de Justiça. Isso em 1980, depois de estagiar ano e meio em escritório de negócios, cursando junto pós-graduação em Civil e Processo.

As primeiras, e segundas, e todas as impressões nessa Carreira foram tão densas que parece terem sido vividas por várias pessoas: alguém que se colocava em roupa de combate e saía pelos campos desde o raiar do sol, para depois se reencontrar benfazeja em cenários totalmente outros, experiências todas que, pela graça de uma lógica própria, oblíqua, paradoxal, podiam ferver dentro de um mesmo caldeirão.

Sim, porque é esta e não outra a chama trazida a todos nós pelos primeiros anos: tudo poder, tudo querer, e ah!.. tantos são os horizontes não conquistados, não conhecidos !...

No Direito Civil, como num mar a céu aberto, que assim se me oferecia, era possível percorrer todas as direções, porque nele viviam, e nele vivem, os Princípios. Essa justamente a grande aventura que o Ministério Público nos oferece: campo de vastidão não circunscrita aos limites de um caso particular – ainda que relevante- vivi na Curadoria de Ausentes e de Incapazes tudo o que se pode viver no Cível. E, novamente, em todas as direções.

Como abarcar essa gama jurídica tão extensa e intensa, sem se perder? Como se estruturar sobre a diversidade do pensamento analógico, e partir de um terreno a outro, de uma a outra especialidade, sem deixar atrás de si lacunas amontoadas, contradições, incoerências? Mais ainda: como viver essa

perplexidade, fora e dentro do Direito, na Curadoria, na Vida, guardando quase intacta a certeza de estar sendo atravessada por um processo único, impossível de repetir, quase impossível de ser vivido, para afinal, em cada romper de aurora, saber que aí se levantava um novo mundo de conciliação de opostos, possibilidade fresca em promessa de mares nunca dantes navegados?

Pois isso tudo, e sim, e não menos, se descortinou diante dos olhos de uma espectadora/atriz/atmosfera, pela simples singularidade de, no momento que se desdobrava, estar no lugar certo, *carrefour* de lições políticas, encontro de grandes personalidades do universo jurídico, cujo brilho nunca se extinguirá. Hoje, tais nomes estão aí, *sommet* de vidas gloriosas, vidas já desde sempre reveladas em seu primeiro despontar, naqueles anos, naquele 16º. Andar.

Não é com saudosismo que falo deles e dela, porque nada passou, nada se foi, nada se perdeu. Ao contrário, frutificou em todos nós, os que sabemos e no que não sabemos. Ainda. O gosto de escrever. E nesse gosto lhe ver revelada a alma, saber onde estou, por que participo do mundo, onde estão -ainda por descobrir- esses tantos outros princípios, o Princípio.

Não que outras paragens não me tenham fascinado, além desse feudo-país-nação. Além dele houve Acidentes de Trabalho, Interesses Difusos. Crime não, que exige um talento que me foi negado ao nascer -e aqui, sem pudor, revelo meu mais grave pecado: a dificuldade em me enraizar no fato, no elemento puro, na terra, naquele bem que é de todos o mais precioso, e não necessita palavras: o Homem, em toda a sua essência, sem silogismos, o Homem mudo, chamado a Suportar, Carregar, Sobreviver, na crueza e na dor daquilo que é, nada mais, apenas, o anônimo Fato. Onde nada podemos, e onde todas as explicações não bastam.

Um dia, também do mesmo invencível Modo, a ventania varreu meu barco e aportei nesse algo bom, benvindo, chamado aposentadoria, *retraite, retirement*, também conhecido como fim, tempo-de-ler, viagem, jardim, e sim sim, tem também tudo isso. Mas ninguém se aposenta de si mesmo. Lamentei, quis desaparecer, implorar perdão ao meu amado, mas a terra firme estava lá, e se afastava.

Encontrei, claro, o lugar que esperava por mim, e na mudança de condições a liberdade desenhou novas terras, já que não existe limite e a vida é o jogo mais emocionante, a aventura mais completa.

Nas peças desse quebra-cabeças, a cada dia reencontro os Princípios, a estrela polar daquela primeira explosão, num Ministério Público que, em mim, simbólico, se apresenta e oferece. E porque é de sua natureza, a todo tempo se

renova, renasce, graças àquelas águas primeiras que ainda se agitam e em que, puras, posso viver e reviver a conquista de tantos novos espaços, a céu e mar aberto.

Entrevista

APMP: Por que escolheu ser promotora de Justiça?

Ser Promotora foi uma dessas afinidades e coisas inesperadas que acontecem ao longo da vida. Eu me preparava para um concurso jurídico e tinha colegas no Mestrado da USP que pertenciam ao Ministério Público.

APMP: Como foi o concurso e quais eram os examinadores?

Os componentes da banca examinadora foram Rubens Scavone, Jorge Luiz de Almeida, o advogado Cantidio Fillardi. Procurador Geral era João Severino de Oliveira Peres e Cláudio Alvarenga o Presidente da Associação.

APMP: Como foi a experiência na primeira na primeira comarca?

Primeira comarca foi Dois Córregos, onde eu passava a semana, voltando na 6ª. feira para os braços da família, meu querido marido e filhote de 9 anos de idade. Depois Suzano e Mogi das Cruzes.

APMP: Algum fato marcante neste início de carreira?

Nenhum fato marcante, ou falta de condições de trabalho. Apenas o trem diariamente ida e volta dessas duas cidades, mas não era ruim, vínhamos todos juntos, os do MP e Magistratura. Não me lembro se era na época não tínhamos carro, se os vencimentos não comportavam viagens diárias e o trem era mais barato, ou se as estradas eram difíceis. Não lembro a razão, mas jamais esqueci o gosto daquelas viagens de trem.

APMP: De que forma ocorreram as promoções na carreira?

As promoções foram como sempre têm sido: era preciso ir conversar com os Conselheiros. Não sei se mudou alguma coisa. Os acontecimentos ganhavam proporções totalmente desmedidas, assim como se a vida inteira dependesse de uma promoção ou remoção, ou se aquele viesse a ser doravante nosso posto vitalício por toda a eternidade.

APMP: Qual era o cenário político na época?

Cenário político em vias de redemocratização, o Brasil se encaminhando para as Diretas Já.

APMP: Chegou a fazer Júri?

Tribunal do Júri sim, uma vez, um júri em Suzano para o qual me preparei durante semanas, muitas horas por dia, e perdi.

Paixão mesmo, de sempre, foi o Cível, eloquente, retórico, na avidez das abstrações e analogias, princípios, latim, Kelsen, Carlos Maximiliano.

Sobretudo a Curadoria de Ausentes e de Incapazes, grande escola, ao lado de grandes líderes, durante 16 anos.

APMP: A senhora se preparou para a aposentadoria?

Aposentadoria? Horrível. Desvestir a capa de Ministério Público foi um duro golpe, para o qual não estava preparada e do qual jamais me recuperei. Simplesmente não queria ficar na mão do governo. Saí em 3/6/98, um dia antes de ser promulgada a reforma administrativa e me arrependi demais. Já era viúva desde 1993 e essa foi minha segunda viuvez.

APMP: Como está a vida hoje?

Depois fui fazer advocacia de negócios, morei no exterior, continuo advogando e engajada em projetos sociais. Pratico TaiChiChuan para manter a saúde e o coração quando possível tranquilo. Participo de um grupo de estudos que busca refletir sobre a finalidade e objetivo da vida do Homem sobre a Terra – *Chercheurs de Vérité*.